

A MÚSICA NA SOCIALIZAÇÃO DAS MENINAS DE SINHÁ

GIL, Thais Nogueira – UFMG – thaisgil@terra.com.br

GT: Movimentos Sociais e Educação / n.03

Agência Financiadora: CAPES

O que acontece quando os sujeitos excluídos se tornam invisíveis? O que acontece quando um sujeito deixa de conquistar a vida pública? Eles perdem a humanidade, já que é a cultura que humaniza o homem? Perdem o direito de conquista e se submetem à cultura hegemônica? Existe alguma forma de participação capaz de recuperar a voz dos excluídos? Há como produzir um movimento inverso para que aqueles seres que estão em situação de exclusão tenham alguma chance de inclusão?

Este trabalho se debruça sobre essas questões e apresenta reflexões de uma pesquisa em andamento que analisa o papel da música na socialização do grupo Meninas de Sinhá. Trata-se de um grupo musical de Belo Horizonte que apresenta cantigas populares. É formado por 50 mulheres negras, idosas, de classe popular, marcadas pela exclusão social. Elas produziram esse movimento inverso, isto é, da situação de total exclusão elas produziram chances de inclusão.

A música possibilitou a socialização do grupo. Cantando elas se fizeram visíveis, voltaram à vida pública, conquistaram um espaço para sua música, transformaram a própria música e recuperaram a voz. Cantando e falando de suas experiências elas produziram oportunidades em suas vidas. Elas afirmam que não fazem apresentações e sim participações, pois sempre que cantam (em escolas, empresas, eventos culturais municipais, estaduais e nacionais) falam de suas experiências com a intenção de sensibilizarem seus ouvintes para a importância da valorização da diversidade e aceitação da diferença.

O grupo Meninas de Sinhá surgiu a partir da mobilização de uma das senhoras do grupo que tinha a intenção de reunir as mulheres do bairro que se queixavam de depressão. Suas trajetórias são marcadas pela exclusão social e por tragédias pessoais. Elas se reuniam para fazer ginástica e esses encontros terminavam em uma grande roda e cantavam cantigas. Foram então convidadas para a apresentação desta roda em um espaço público. Desta forma, como elas afirmam, começou uma nova trajetória em suas vidas. Além das participações, Dona Valdete¹ participou de um filme com a diretora Carla Camurati e realiza palestras em congressos, universidades e eventos culturais.

¹ Líder do grupo

O grupo passa por um processo de trocas culturais com outros grupos. Financiadas pela Telemig Celular, o grupo se deslocou para realizar o grande sonho de se encontrar com as lavadeiras do Vale do Jequitinhonha. Esse encontro foi muito rico porque elas trocaram experiências e conhecimentos musicais. Atualmente, além de cantar as cantigas populares, elas compõem canções próprias. Gravaram um CD que será lançado em meados de 2007. Algumas integrantes que não fazem participações públicas relatam que se sentem realizadas apenas de participar dos ensaios do grupo e conviver com as amigas. O grupo possui uma agenda repleta de compromissos.

Do ponto de vista teórico, podemos afirmar que para se humanizar, ser integrado na vida social, o ser humano necessita da cultura, necessita dominar um discurso e se articular na vida coletiva. Entretanto, a cultura se movimenta, transforma e é transformada pelas diversas identidades da vida atual. Ela é um discurso, uma expressão resultante da articulação entre o indivíduo (sujeito individual) e a vida coletiva (sujeito coletivo), entre o singular e o plural, entre o local e o global. No atual globalizado é imprescindível dominar o discurso, pois a cultura está em movimento e exclui mais do que inclui seus sujeitos.

O conjunto de uma sociedade é o resultado da participação de cada um de seus membros. Velho (1988) destaca que as escolhas individuais é que definem os diferentes conjuntos de valores individuais e coletivos. “Como os interesses dos indivíduos são diversos, quanto maior a participação e o exercício da cidadania, maior será a representação dos interesses dos membros da coletividade” (PENA, 1999). Neste sentido conhecer o discurso é fundamental para garantir o exercício da cidadania.

Enfim, para se humanizar, o homem precisa entrar em contato com a cultura, ter participação na vida social e conhecer o discurso. Segundo Avristzer (2000), a cultura vem da esfera pública², interage e dialoga com a esfera privada. Entretanto, o público não é dado *a priori*. Ele é uma conquista, uma disputa. A esfera pública se constitui de conquistas e o discurso é fundamental. Através dele há mobilizações dos sujeitos que se articulam a partir de um sentimento de pertencimento a um grupo, por exemplo e ampliam suas socializações. Esse sentimento de pertencimento se refere ao sentimento que o indivíduo tem de sentir que faz parte de um grupo ou lugar social.

Entretanto, há crise de identidade quando há descentralização dos indivíduos quanto ao seu lugar na sociedade e na cultura. “As formas pelas quais a cultura estabelece

² Público não é político. É o espaço coletivo, do cidadão.

fronteiras e distingue a diferença são cruciais para compreender as identidades. A diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções” (WOODWARD, 2004, p. 41). É preciso pensar o sujeito em uma nova posição em que o contato entre as diferentes identidades e culturas favorece os processos de miscigenação e deslocam as identidades originais e conseqüentemente o seu discurso.

O sujeito que conhece e possui um discurso, tem mais chances de socialização, de participar do coletivo. Como dizia Paulo Freire, contra a dominação, a favor da liberdade, é desejada a “negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo” (FREIRE, 2005, P.81). Discurso é comunicação. Comunicação é um elemento imprescindível às culturas. Logo, as culturas se expressam através de seus discursos, neste caso, a comunicação teve a mediação pela música.

A música é uma linguagem que comunica ao mesmo tempo com o “físico, emocional, sensorial, estético e intelectual, consigo elementos que escapam do domínio do racional” (ZAMPRONHA, 2002, p.23). Além de comunicar com a subjetividade e mobilizar emoções, ela é também arte de expressão e discurso. É discurso de produção de sentido, com possibilidade de interpretação das mais plurais, isto é, a música é mediadora entre o singular e o plural. Neste sentido, ela pode ser vista como um elemento de formação, de comunicação e de articulação social.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, de natureza descritiva. Segundo Gil (1995), este tipo de pesquisa busca esclarecer, desenvolver, alterar idéias e conceitos para que sejam elaborados problemas e hipóteses mais precisas para futuras pesquisas. Os dados são coletados por meio de visitas de campo. São realizadas observações em ensaios, participações do grupo, palestras proferidas pela representante do grupo. Nestes eventos, são observadas as dinâmicas das componentes do grupo (a articulação entre elas, a socialização com o público, o discurso da representante), os tipos de músicas apresentadas e as reações do público. Foram realizadas entrevistas com a representante, a empresária (também membro do grupo), dezessete componentes (quinze que estão sempre presentes nas participações e duas componentes freqüentes apenas nos ensaios). Há uma palestra que foi gravada em vídeo com a autorização da Dona Valdete. As entrevistas serão escritas e gravadas em áudio. Os dados serão analisados com base nos referenciais teóricos sobre globalização contra-hegemônica e identidades híbridas.

Os resultados parciais revelam que os sujeitos desta pesquisa, componentes do grupo musical Meninas de Sinhá, composto de aproximadamente cinqüenta senhoras

negras, idosas, de classe popular, possuem um histórico de depressão e de exclusão social e que, por meio da música passaram por um processo de socialização que melhorou a auto-estima e as lançou na vida social.

Elas estão se articulando com outros grupos que possuem um histórico semelhante e estão se fazendo presentes e visíveis na sociedade. Isso confirma a tese de Santos (2005), que afirma que a globalização neoliberal não é única, pois em reação a ela está surgindo uma nova globalização contra-hegemônica por meio de movimentos que lutam contra a exclusão social. Neste caso, o grupo se articulou e, por meio de suas participações, mobiliza um público cada vez maior, viaja e troca experiências com grupos semelhantes que se expressam através da cultura popular. Este trabalho é relevante ao destacar a importância da cultura popular na luta pela igualdade e na formação de identidades que articulam o local com o global e faz surgir novas identidades, híbridas (HALL, 2001).

Segundo Hall (2001), as identidades são construídas dentro e não fora do discurso. É preciso compreendê-las como tal. A identidade é uma narrativa que se constrói, é um relato construído e não uma essência dada *a priori*. Entretanto, as identidades são híbridas. Segundo Hall (2001), as identidades híbridas contemplam mesclas interculturais que estão diretamente relacionadas ao discurso e à comunicação.

Concluímos que a música, como discurso e comunicação, articulou as componentes do grupo de forma tal que elas se relacionaram com outros grupos e buscaram uma mobilização alternativa que mudou completamente suas identidades, fortalecendo a auto-estima de seus membros e promovendo participações sociais mais ricas. A partir da fusão entre diferentes tradições culturais, foram produzidas novas experiências. Em um contexto de globalização neoliberal, em que as identidades estão fragmentadas e múltiplas, surgem identidades híbridas, que possibilita a comunicação intercultural e o intercâmbio de experiências, passos fundamentais para a valorização da própria identidade, sempre em transformação.

Essa temática exige a reflexão de se lançar um olhar para a importância da música na socialização de grupos populares, pois a música estimula emoções, comunica com a subjetividade, ultrapassa os limites do racional e amplia as possibilidades.

Referências:

AVRITZER, Leonardo. Modelos de deliberação democrática: uma análise do orçamento participativo no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Democratizar a Democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHARLOT, Bernard. *Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GIL, Antonio C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1995.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. S. Paulo: Cortez, 1999.

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

PENA, R. P.M. *Ética e Felicidade*. Belo Horizonte: Fead, 1999.

RODRIGUES, Alberto Tosi. *Sociologia da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Democratizar a Democracia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. Uma visão antropológica. *Revista TB*, 95: 119-126, out.dez., 1988.

WOODWARD, Kathyn. Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004, p.7-72.

ZAMPRONHA, M. I. S. *Da música: seus usos e recursos*. São Paulo: UNESP, 2002.